

NÃO É UMA COP AFRICANA

por: Nnimmo Bassey

Originalmente publicado a 23 de Setembro de 2022 em
<https://nnimmobassey.africa/2022/09/23/not-an-african-cop/>

Os países que têm estado a ser mais afectados pelas mudanças climáticas devem examinar cuidadosamente as narrativas que têm conduzido as conversas e negociações durante a Conferência das Partes (COP) da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas (CQNUAC). Isto é importante uma vez que, ao longo dos anos, os debates têm regredido, de exigir acções reais para defender estilos de vida e posições de poder geopolítico dominantes. Embora a COP seja apresentada como um espaço democrático, sempre esteve claro que ela é, na verdade, um espaço para dominação imperial e até colonial.

Chamar a COP27, que será realizada em Sharm El Sheikh, no Egipto, de “COP Africana”, é uma lenda cujo objectivo é apresentar a falsa ideia de que isto é uma oportunidade de resolver a destruição causada pelas mudanças climáticas no continente, e em outras nações e territórios vulneráveis. Que fique claro que isso não acontecerá. Esta será a quinta COP realizada no continente Africano – depois de uma no Kenya, duas em Marrocos e uma na África do Sul. Na realidade, na época da COP de Durban, na África do Sul, várias tempestades fustigaram a região, soando como um alarme e prenúncia de desgraça. Desde então, ciclones na costa Sudeste do continente dizimaram as vidas de milhares de Africanos. Invasões de gafanhotos de proporções bíblicas destruíram sonhos de colheitas abundantes e deixaram à fome populações do corno de África e África Oriental.

Nenhuma destas COPs mudou o paradigma de forma a garantir acções climáticas reais, ou mesmo reconhecer o facto de que as ideias chiques do momento – como captura de carbono ou mesmo extracção de carbono – devem ser abordadas a partir da compreensão sensível de que a contínua extracção e queima de combustíveis fósseis é contraprodutiva e danosa ao planeta, às pessoas e a outros seres.

Ao invés de encarar os caminhos flagrantes do aquecimento global como ameaças reais à vida, e deixar os combustíveis fósseis no solo, o mundo está a entalar-se no caminho das reduções voluntárias de emissões e de um compromisso sussurado para “travar progressivamente” (*phase down*) o uso continuado do carvão. O que quer que isso signifique.

Como pode Sharm El Sheikh (SES) ser uma COP Africana quando os Africanos devastados por inundações, secas, costas e florestas em declínio não sabem que os líderes políticos e tecnocratas estão a brincar com o seu destino debaixo das sombras das pirâmides. Como pode esta ser uma COP Africana se as vítimas das mudanças climáticas não estão na mesa de negociações, são impedidas de defender as suas florestas e oceanos vitais e não têm acesso ao paraíso turístico onde os decisores políticos serão acolhidos durante duas semanas em Novembro de 2022, para perpetuar os rituais do comércio de carbono e içar bandeiras distantes apontadas para o momento em que os seus netos finalmente atingirão as zero emissões *líquidas* de carbono.

A COP transformou-se numa plataforma de evasão de acções e apropriação de ideias e ideais de povos indígenas do mundo, que têm estado a lutar pelo respeito aos direitos da Mãe Natureza, com

uma noção clara que fazer o contrário é condenar à desgraça os humanos e as outras espécies deste planeta azul. É por isso que, ao longo da COP, haverá proclamações presunçosas de *soluções baseadas na natureza*, que não fazem nada além de comodificar os presentes da Natureza.

Os interesses corporativos do lucro, o domínio político e militar, têm perpetuado o mito que a tragédia climática pode ser resolvida com fórmulas matemáticas, enquanto certos estilos de vida e investimentos são assegurados por meio de actividades destrutivas, incluindo extracção irresponsável, consumo e guerras.

A COP que aí vem deverá atirar alguns feijões e umas moedas, disfarçados de fundos climáticos e de pagamento de perdas e danos causados pela actual inacção climática e soluções falsas, mas evitará cuidadosamente a questão dos danos históricos, que já esgotaram completamente o nosso orçamento de carbono. Até mesmo as zero emissões *líquidas (net zero)* e demais variações das compensações de carbono virão alcochoadas em discursos que permitem à Europa estrangular África com oleodutos de descontentamento, enquanto o continente é forçado a resolver a escassez de combustíveis fósseis causada pela guerra da Rússia com a Ucrânia. Enquanto os países industrializados testam a sua maquinaria sangüinária de guerra na Ucrânia, as garras das companhias de combustíveis fósseis afundam-se nos pescoços do Okavango na Namíbia e Botswana; no delta do Saloum no Senegal e nas florestas de Virunga na República Democrática do Congo. Ao invés de travar estes movimentos predatórios nestes locais de Património Mundial, novos oleodutos de descontentamento estão a ser planificados para sugarem o gás do delta do Níger para levar para a Europa, através de Marrocos e Argélia. Outros estão planificados para transportar petróleo bruto da região do Lago Albert, no Uganda, para um terminal de exportação na Tanzânia. Enquanto permanece inconcebível, para os países ricos, tomar acção climática, as forças das multinacionais estão em posição de guerra para defender os interesses do gás e outros investimentos em Cabo Delgado, Moçambique.

A COP27 poderia ter sido uma COP Africana se os líderes Africanos e outros de regiões vulneráveis, exploradas e expostas não marchassem na direcção das armadilhas que fazem luzir espelhos brilhantes que apresentam actividades poluentes como desenvolvimento e empunham pontos críticos como se fossem destinos aliciantes. Poderia ter sido uma COP Africana se os nossos líderes fossem exigir justiça climática e insistir no pagamento de uma dívida climática pelos danos históricos e actuais. O valor desta dívida pode ser arredondado para os cerca de 2 trilhões de dólares que os países industrializados gastam em material bélico e armamento, por ano. Claramente que o problema nunca foi falta de dinheiro.

Poderia ser uma COP Africana se a comodificação da Natureza, incluindo as diferentes variações dos mercados de carbono, fosse denunciada e rejeitada. Poderia ser uma COP Africana se o encontro acordasse que o investimento deverá ser em agroecologia com apoio para a maioria dos camponeses, em vez de para a agricultura industrial, colonial ou plantações, que depende de combustíveis fósseis, fomenta tecnologias de risco e continua a devastar o continente, desalojar comunidades e exacerbar as mudanças climáticas.

Poderia ser uma COP Africana se as reduções obrigatórias de emissões regressassem à mesa de negociações, e os países poluentes concordassem em fazer a sua parte justa seguindo o princípio da Responsabilidade Comum, Mas Diferenciada, no lugar das chamadas Contribuições Nacionalmente Determinadas, que até ao momento nem beliscaram mais que 2 gigatoneladas das 27 gigatoneladas de dióxido de carbono ou equivalente, que é necessário para manter o aumento da temperatura

abaixo dos 1.5°C em relação aos níveis pré-industriais, conforme estipulado pelo Acordo de Paris de 2015.

Seria uma COP Africana se o Acordo de Paris fosse revogado e um novo limite superior de temperatura, bem abaixo dos 1.5°C, fosse fixado, com a clara compreensão que uma média global de 1.5°C significa 2.2°C para África, e que tal cenário de temperatura irá sem dúvida cozinhar o continente.